

# OS PRIMEIROS 11 CAPÍTULOS DO GÊNESIS OU A HISTÓRIA PRIMORDIAL (1)

P. J. Balduino Kipper, S. J.

Os primeiros onze capítulos do Gênesis que abordamos como primeiro tema destes três dias de atualização teológica, são dentre os mais difíceis de toda a Sagrada Escritura, como já o dizia a encíclica **Divino afflante Spiritu**. Mas eles são também dos mais importantes, porque, ao meu ver, encerram o fundamento insubstituível de qualquer religião. Com efeito, estas páginas nos apresentam a Deus, que cria o universo e o homem com solicitude e amor; o homem, porém, desobedece ao seu Criador com toda a seqüência de males que dali derivam.

Sobre estes capítulos muito se tem escrito e se continua escrevendo, o que demonstra claramente a sua importância e os problemas que suscitam a própria temática e o confronto com as ciências modernas.

Vou dividir esta palestra em **duas grandes partes**: Na primeira vou fazer observações gerais que

-----  
(1) Palestra proferida no curso de atualização teológica no Colégio Cristo Rei, São Leopoldo, em fevereiro de 1973; para a publicação foi revista e retocada e, em parte, ampliada.

se aplicam a todos estes onze capítulos; na segunda parte vou tratar um ou outro problema mais importante dos diversos capítulos. Portanto, o roteiro é este: primeiro, observações gerais e depois, observações particulares.

## 1.ª PARTE: OBSERVAÇÕES GERAIS

Tratarei primeiro do sentido ou da temática geral destes capítulos; em seguida falarei das diversas tradições (J e P), para depois abordar, mais longamente, a questão muito importante da origem última destes capítulos; terminarei tocando mais brevemente a historicidade e os paralelos extrabíblicos.

### 1. O tema geral de Gên 1-11

O sentido ou tema destes capítulos é a assim chamada **história primordial** ou dos primórdios; ela vai desde a criação do mundo até a genealogia de Abraão. No c. 12 começa a segunda grande parte do Gênesis, a história dos patriarcas. Portanto esta história primordial tem um **cnunho universal**; ela

toca preocupações que interessam a toda a humanidade e não apenas a Israel, como vai ser o caso da história dos patriarcas e de quase todo o resto do A. T. Encontramos nos capítulos em foco as preocupações universais sobre a origem do homem e do seu mundo, os males que o afligem e os perigos que o ameaçam.

## 2. As tradições de Gên 1-11: J e P.

Venhamos às tradições que entram nestes onze capítulos. Como sabem, hoje em dia é praticamente opinião comum que o Pentateuco ou os primeiros cinco livros do A. T., também chamados de Moisés, não são unitários quanto à origem, mas se compõem de diversas tradições, também chamadas documentos ou fontes. Ora, nestes onze capítulos temos **duas destas tradições**: são a **javística** e a **sacerdotal**, que se costumam internacionalmente designar com as siglas J e P. Nós encontramos estas tradições ora justapostas, num capítulo uma tradição e em outro ou outros a segunda, ora também inseridas ou entrelaçadas uma na outra.

Assim, o 1.º capítulo é da tradição sacerdotal, parte do 2.º e o 3.º e 4.º são de tradição javística, o 5.º é sacerdotal quase todo ele; no dilúvio, capítulos 6-9, temos as duas tradições entrelaçadas. Estas tradições são de **origens diferentes**: a tradição javística é a mais antiga, tendo surgido provavelmente, no reino do sul, no tempo de Davi ou Salomão, portanto lá pelo ano 1000 ou pouco depois, ao passo que a tradição sacerdotal é bastante posterior, pois começou a se constituir

no tempo do exílio babilônico, portanto no século 6.º, tendo levado algum tempo até estar completa. Mas notemos desde já que tanto a tradição javística, muito antiga por sinal, como também a sacerdotal, embora mais recente, conservam elementos muito antigos. É reconhecido há muito tempo que também a tradição sacerdotal conserva muitos elementos muito antigos; a formulação ou elaboração definitiva se terá feito no século 6.º ou pouco depois, mas não poucos elementos são anteriores, e mesmo anteriores a Israel.

As tradições javística e sacerdotal se **distinguem entre si** pelo vocabulário, estilo e também pela preocupação teológica. A javística é muito concreta, muito plástica e também profundamente psicológica. A sacerdotal é mais abstrata, doutrinária, muito mais ponderada em questões de doutrina.

## 3. A Origem última destes capítulos

Passemos agora a uma questão de muita importância, para entendermos estes onze capítulos, evitando de antemão certos aspectos falsos ou abordamentos errados, isto é, a sua origem última ou remota. Como lhes falei, eles resultam da combinação das tradições javística e sacerdotal, mas vamos agora remontar ainda mais para trás, perguntando donde estas duas tradições receberam o seu material e donde vem afinal remotamente tudo aquilo que está nestes capítulos.

Antes de mais nada, podemos constatar que o conteúdo destes

capítulos **não é fruto de mera reflexão humana ou filosófica**; por exemplo, a mensagem do Proto-evangelho (3, 15), como se pode saber isto por simples reflexão humana? e assim tantos outros conteúdos.

Em segundo lugar, estes capítulos também **não derivam da revelação primitiva**, que se teria transmitido integralmente desde os primeiros homens até Abraão ou Moisés. Revelação primitiva se chama a que Deus deu aos primeiros homens; então se tem afirmado muitas vezes que o que se conta nestes capítulos é em grande parte fruto desta revelação de Deus aos primeiros homens, e se teria transmitido através daquelas gerações todas até Abraão ou Moisés. Mas por que então estes onze capítulos não remontam, em última análise, a esta tradição primitiva? Há **três dificuldades principais** contra esta explicação:

Antes de mais nada, estes capítulos são essencialmente javísticos ou israelíticos, quer dizer que em todos os pontos refletem a doutrina e a vivência religiosa de Israel, e não de outros povos ou correntes filosóficas. Acrescente-se a isto que os **nomes** que aparecem aqui são **hebraicos** e portanto pertencem a um dialeto semítico que começou a se esboçar lá pelo 2.º milênio a. C.

Uma segunda razão para negar a origem última a partir e através da revelação primitiva até Abraão é o **imenso espaço de tempo** entre a origem da humanidade e o tempo de Abraão ou de Moisés. Seguramente são centenas de milhares de anos. Atualmente, depois daquelas descobertas na África oriental,

estão falando de um milhão e meio de anos. Ora, eu acho simplesmente impossível, moralmente impossível, que o conteúdo destes capítulos se tenha transmitido, integral e incontaminado, desde as origens por tantas centenas de milhares de anos.

Finalmente, Josué, no c. 24 do livro que leva seu nome, afirma aos israelitas reunidos em Siquem que os antepassados de Abraão moravam na Mesopotâmia, e acrescenta: **"eles serviam a outros deuses" (24, 2 no fim)**, quer dizer, eles eram idólatras; um pouco adiante repete a mesma afirmação e a estende também aos israelitas no Egito (vv. 14 e 15). A mesma afirmação de idolatria dos antepassados de Israel aparece no livro de Judite 5, 7-8. Provavelmente o próprio Abraão era igualmente idólatra antes do seu chamamento por Deus.

Ora, eu pergunto, como é que uma doutrina religiosa, como nós a temos nestes onze capítulos, tão profunda, tão pura, se poderia transmitir incontaminada através de tantas gerações e isto de parte de idólatras? De modo que a conclusão é que estes capítulos não derivam desta revelação primitiva, ou ao menos o seu conteúdo integral não nos veio por esta via, podendo-se discutir ou admitir, se talvez um ou outro ponto possa remontar a esta revelação, se é que se deve admitir a sua existência.

#### 4. **Gên 1-11, fruto da reflexão teológica de Israel**

Portanto estes capítulos, em última análise, não derivam nem da reflexão puramente humana nem

da revelação primitiva, transmitida fiel e integralmente desde os primórdios até Abraão ou Moisés. E assim chegamos ao terceiro ponto, positivo desta vez: estes capítulos **derivam da reflexão teológica, religiosa, se quiserem também sapiencial de Israel, com a assistência de Deus**, são fruto desta reflexão de Israel através dos séculos.

O ponto de partida é a **vocação ou o chamamento de Abraão**, (Gên 12). Este homem, em certo momento de sua vida, sentiu-se chamado por Deus e seguiu este chamamento. É este o início real da história da salvação. Abraão ficou fiel a esta vocação durante toda a sua vida, apesar de certos altos e baixos; ficou fiel e foi refletindo sobre este Deus que **ó** tinha chamado, e assim ia lentamente purificando a sua religião, que provavelmente era politeísta, e todo aquele lastro cultural que trazia da Mesopotâmia, de Ur, no sul, e de Harran, no norte.

Este processo de reflexão teológica, quer dizer, de vivência religiosa com sua prática concreta, continuou com os outros patriarcas, continuou no Egito durante aquela permanência de séculos e chegou a um ponto alto **na hora e na vivência do êxodo**. Esta é aquela grande experiência religiosa, verdadeiro ponto alto do A. T., sem o qual todo o resto não se explica satisfatoriamente. O tempo e as vivências dos patriarcas representam uma fase de introdução necessária, mas o êxodo é o ponto culminante: então o povo todo percebeu que o seu Deus, Javé, estava com ele e o libertava dos egípcios, muito mais poderosos, vencendo até os deuses famosos

do Egito, levando-os através do deserto, fazendo-os passar o Mar Vermelho, e assim por diante.

Esta vivência do êxodo fez crescer muito o conhecimento de Deus da parte de Israel, especialmente do Deus todo-poderoso, bondoso e justo, santo e exigente, e também contribuiu muito para purificar as suas idéias religiosas.

Esta reflexão continuou depois, quando Israel já estava estabelecido em Canaã; mas, como costuma acontecer, ela se processava principalmente em **homens eminentes**, como Moisés e mais tarde Samuel e os profetas, e eles transmitiam a sua vivência aos seus contemporâneos.

Pois bem, o que nós temos nestes onze capítulos é fruto desta secular reflexão teológica de Israel sobre o seu Deus, que o chamou e assistiu durante toda a sua movimentada história, nas horas boas e más, no pecado e infidelidade, afinal em todas as situações.

Esta reflexão se mostra duma maneira mais concreta e saliente nos primeiros três capítulos, onde se relatam a criação do mundo e dos homens e o primeiro pecado. Os outros capítulos nos mostram mais um outro fruto desta reflexão; i. é., o **processo de purificação** das lendas, mitos, narrações, do folclore, dos ritos e cerimônias religiosas, afinal de todo o lastro cultural e religioso que o clã de Abraão e seus descendentes tinham trazido ou vinham encontrando nos caminhos por onde passavam, na Mesopotâmia, Canaã, Egito, no deserto e outra vez em Canaã, no contato com os seus habitantes. Esta purificação se operou a partir

da noção mais prática e vivencial que especulativa, de seu Deus, de Javé, Deus de Israel, Deus pessoal que o chamou e acompanhou, exigente, mas também solícito com eles.

Para só dar um exemplo: este processo de purificação teológica aparece clarissimamente no relato do **dilúvio**. Este relato, como nós o temos na Bíblia, não nasceu na Palestina, que não é país de inundações, mas certamente proveio da Mesopotâmia, onde os rios Tigre e Eufrates causam muitas vezes inundações desastrosas. Ora, neste relato vemos claramente, como ele foi purificado de tudo aquilo que é politeísmo e não se coaduna com a idéia que Israel fazia de seu Deus.

É claro que, para perceber e avaliar os frutos desta reflexão teológica e a conseqüente purificação de todo o lastro cultural e religioso de Israel, é preciso conhecer a cultura e as religiões dos povos vizinhos que entraram em contato com Israel, especialmente do Egito, Canaã, Síria e Mesopotâmia. Só assim se reparam as diferenças e também as polêmicas latentes.

## 5. O caráter Histórico de Gên 1-11

Depois de vermos a origem última destes capítulos, venhamos a um quarto problema, a saber, o seu **aspecto histórico**, tema que daria assunto suficiente para toda uma palestra. Vejam, não é simples definir os termos, e nós o veremos de novo nesta tarde, quando tratarmos da historicidade dos Evangelhos. O que nós temos nestes 11 capítulos é a **história primordial**

ou primitiva, quer dizer, algo que antecede a história propriamente dita. Na história primordial nos deparamos com preocupações universais da humanidade que lhe dizem respeito ou a afligem. Portanto é difícil falar aqui de verdadeira historicidade; o que temos é história primordial, mais típica que concreta, podendo ser comparada com a pré-história científica. Esta não transmite nomes, não transmite textos, mas só transmite resíduos, ossos, flechas, vasilhas, instrumentos que indicam certo grau de desenvolvimento, ao passo que nada indicam de concreto e individual: haja vista os sambaquis do nosso litoral. Do mesmo modo nestes onze capítulos temos, não digo unicamente, mas prevalentemente o que é típico, universal, o que sempre aconteceu ou o que costuma acontecer. Portanto não se deve urgir demais a historicidade destes capítulos e isso já o reconheceu, em princípio, a Comissão Bíblica, quando em 1909 afirmava que nos três primeiros capítulos do Gênesis nem tudo devia ser tomado no seu sentido próprio. Em 1948 a mesma Comissão voltaria a falar de modo mais explícito e positivo do mesmo problema.

A questão é saber **em que sentido devemos ou podemos chamar de históricos** estes capítulos. Parece-me difícil falar da criação do mundo como dum fato histórico em sentido próprio, como nós entendemos hoje este termo: é que história supõe documentos que atestem o fato, e estes obviamente não existem no caso. Mas parece-me que se pode falar em historicidade em sentido mais lato, enquanto realmente o mundo foi

criado por Deus. O mesmo se diga da criação dos homens, do primeiro pecado e suas conseqüências e demais elementos da história primordial: são coisas que realmente aconteceram, mas dos quais não temos documentos escritos ou orais. Por conseguinte nestes capítulos temos uma historicidade *sui generis*, comparável, até certo ponto, com o historicidade dos Evangelhos ou da ressurreição de Cristo.

## 6. Paralelos extrabíblicos

Resta-nos uma última observação, os paralelos extrabíblicos. Desde há muito se observaram, fora da Bíblia, narrações, mitos, lendas, poemas sobre a origem do homem (são as mais antigas e primitivas) e do mundo, sobre pecados ou faltas que a humanidade ou um grupo cometeu; conhecemos muitos relatos sobre dilúvios e outros cataclismas catastrófais, p. ex., incêndios, secas, muitas vezes de proporções universais. Etnólogos, antropólogos e historiadores das religiões fizeram vastas coleções de tais relatos, provenientes tanto de povos civilizados, como egípcios, babilônios, gregos, como de povos primitivos, p. ex., índios do Brasil.

Ora, também estes relatos têm a sua importância no estudo dos nossos onze capítulos. É claro que aqui não podemos entrar em pormenores, mas é interessante estudar estes paralelos extrabíblicos, para ganhar um certo recuo e ver como contrastam com os relatos bíblicos; assim se penetra no ensinamento mais profundo e exato destes capítulos. Nestes encontramos muitas alusões às doutrinas correntes fora

de Israel; em geral não as citam por nome, mas fazendo uma observação, tomam uma atitude diferente daquelas outras doutrinas. Apenas um exemplo: no capítulo 1.º se propõe como obra do quarto dia a **criação dos luzeiros do céu**, do luzeiro maior e do luzeiro menor; vê-se logo que o autor fala do sol e da lua, mas ele não os nomeia expressamente, e segundo todas as probabilidades este silêncio é proposital, para polemizar contra os cultos astrais, sobretudo na Babilônia e por influxo de lá também em Israel; estas divindades são sumariamente demitizadas, enquanto se diz que Deus os fez e os colocou no firmamento, para darem luz, indicarem as estações, etc., aos homens. O próprio fato da criação destes luzeiros apenas no quarto dia, depois da criação da luz e das plantas (!), é fruto desta polêmica tácita, mas claramente perceptível para os leitores contemporâneos. Estes paralelos extrabíblicos talvez tiraram à Bíblia aquela aura de livro caído do céu, como se podia considerá-la até meados do século passado, e lhe restituíram, por assim dizer, o cheiro da terra em que de fato se originou, trazendo para mais perto de nós aqueles homens do 2.º milênio a. C. em diante com todas as suas preocupações, problemas e alegrias, como os temos também nós. Com isto a Bíblia e em particular os primeiros onze capítulos do Gênesis não perderam nada do seu caráter sagrado e empenhativo para nós, mas antes nos mostram mais claramente um Deus que trabalha com os homens e intervém, de maneira discreta, mas eficaz, na história e no dia-a-dia destes homens. De resto, a reflexão teológica de Israel como

fonte última destes onze capítulos nos leva à mesma conclusão.

Vê-se que também os paralelos extrabíblicos não só enriquecem os nossos conhecimentos de outras religiões e culturas, mas também nos ajudam a penetrar mais profundamente na mensagem religiosa que estes capítulos nos querem transmitir.

E por falar em mensagem religiosa, notamos, à maneira de apêndice ou conclusão desta primeira parte da nossa palestra, que é ela que primeira e quase diria unicamente devemos procurar nesta história primordial. Portanto não procuremos ali geologia, botânica, zoologia, astronomia, biologia, paleontologia, paleoantropologia, etc., em uma palavra, não procuremos ciência, mas religião ou mensagem religiosa. Pode ser interessante investigar os conhecimentos científicos dos antigos israelitas, mas eles como tais não nos empenham; empenha-nos, sim, a mensagem religiosa que eles, através destes conhecimentos científicos, nos queriam transmitir.

## 2.ª PARTE: OBSERVAÇÕES PARTICULARES SOBRE OS DIFERENTES CAPÍTULOS DA HISTÓRIA PRIMORDIAL

Passemos agora em resenha alguns problemas particulares que estes capítulos nos suscitam.

### 1. O hexaêmeron ou Gên 1, 1-2, 4a (P)

Temos nestes 35 versículos a criação do mundo visível em 6 dias da parte de Deus mais um dia de

repouso do criador. O relato culmina na criação do homem ou dos homens. Todo o relato é enquadrado em seis dias de trabalho e mais um sétimo de repouso de Deus. Isto é um artifício literário. O relato todo é pois muito regular, muito refletido, apresentando fórmulas que se repetem constantemente; p. ex., no fim de cada dia se diz: "Fez-se tarde (ou noite), fez-se manhã, primeiro dia", e assim por diante. Temos seis dias, mas oito obras, pois no terceiro e sexto, num equilíbrio bem pensado, temos duas obras.

Como se devem entender **estes dias**? São dias normais de 24 horas nossas e isto está bem claro: Em cada dia Deus faz ou cria alguma coisa e no fim se diz que se fez tarde e se fez manhã: 1.º dia, etc., e depois começa nova obra. Quer dizer, temos cada vez um dia normal de trabalho que vai da manhã dum dia à madrugada do outro, logo, um dia comum de 24 horas, como nós diríamos. Portanto estes dias não são períodos geológicos mais ou menos longos; esta interpretação é resultado dum certo tipo de concordismo entre o texto bíblico e as ciências modernas geológicas e outras.

O que temos, sim, é um artifício literário que enquadra toda a criação do universo em seis dias de trabalho e num de repouso, e isto para inculcar aos israelitas a observância do sábado: a exemplo de Deus o israelita trabalha seis dias, mas no sétimo dia repousa e o santifica. Este ensinamento é repetido no decálogo, na recensão de Êx 20.

O ensinamento do repouso sabático é o **fim secundário** do hexaêmeron; o **fim primário** que o relato tem em vista, é a doutrina, fundamental para toda a religião, que todo o universo e tudo que há nele e de maneira especial todos os homens foram criados por Deus e portanto o devem reconhecer como seu criador e senhor. Para o israelita em particular este capítulo representa o fundamento da observância da "lei" ou thôrâh, contida no Pentateuco; assim como tudo se submeteu à palavra criadora de Deus, o israelita se deve submeter à palavra de seu Deus, expressa na "lei".

Haveria ainda muitas - outras coisas a dizer; chamo a atenção que neste capítulo temos um **relato** que se pode chamar da **palavra** e outro que se pode chamar da **ação**, p. ex., Deus diz: "Haja luz! e fez-se luz" (v. 3); isto é relato da palavra ou criação pela palavra. A criatura surge pela palavra ou ordem de Deus. Isto é uma maneira muito sutil e profunda, para exprimir o poder ilimitado de Deus, evitando ao mesmo tempo todo panteísmo; as criaturas não são frutos duma emanção de Deus, mas são fruto ou efeito da sua simples vontade. Além disso há o relato da ação, p. ex., Deus fez os dois grandes luzeiros (v. 16), os animais (vv. 21.25) e assim por diante. Os estudos recentes mostram que o relato de ação, sob o ponto de vista histórico-tradicional, é o mais antigo ou primitivo.

Ainda uma observação sobre o **homem como imagem de Deus** nos vv. 26 e 27. Embora os es-

tudos dos paralelos extrabíblicos tenham mostrado que este ensinamento tão sublime não seja exclusivo ou próprio da Bíblia, contudo ele continua a ser um dos pontos altos da antropologia bíblica. Notemos: o homem, o homem como um todo, e não apenas a alma ou o seu corpo, modo de falar muito pouco próprio do A. T., é imagem de Deus; e ainda, não só o homem, o varão, mas também a mulher é imagem de Deus.

Mas perguntamos agora: **por que o homem é imagem de Deus?** Isto certamente quer dizer que no homem há algo de semelhante a Deus, algo que de certa maneira lembra a Deus, em uma palavra, algo que o faz imagem de Deus, embora não perfeita ou equiparada. Mas em que consiste esta semelhança ou por que o homem é imagem de Deus? O texto não o diz expressamente (e tampouco em 5, 1.3 e 9, 6) e por isso há várias explicações. A mim me parece que em vista do contexto o homem é imagem de Deus, porque **como Deus ele é o senhor da Criação, o rei do universo criado**. Com efeito, quando Deus vai criar o homem, diz: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança! que ele domine sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, etc.!" E de fato, depois da sua criação à sua imagem, lhe entrega o domínio do universo (v. 28). Logo, há aqui uma semelhança: Deus é o senhor do universo, porque criador e por isso tudo lhe é submisso, mas o homem também é senhor do universo, embora não o seja, digamos, por direito inato ou próprio ou por conta própria, mas sim por man-

dato, ordem ou delegação divina, devendo portanto dar contas do exercício do seu domínio ao seu criador.

Há ainda outras explicações, mas só quero propor brevemente uma das mais recentes. Westermann, no seu monumental comentário do Gênesis, ora em curso de publicação, retoma uma idéia de Karl Barth e outros e acha que o homem é imagem de Deus, porque é um vis-à-vis de Deus, como um defronte de Deus, a quem Deus fala e se dirige, ele é um tu de Deus e ao mesmo tempo também ele se dirige a Deus e lhe responde (2). Isto é evidentemente uma idéia teológica muito bela e profunda que merece consideração, porque certamente se pode afirmar que o inter-relacionamento pessoal entre o homem e seu criador faz daquele a sua imagem. Mas a minha pergunta é: como esta explicação se baseia no texto? É verdade, o comentarista parte da análise das tradições, concluindo que a doutrina do homem, imagem de Deus, faz parte dos relatos de criação do homem e não dos do universo ou das coisas. Isto se pode admitir, mas afinal devemos basear-nos no texto atual, por mais etapas que tenha percorrido no decurso da sua transmissão, sofrendo também transformações. Por isso continuo pensando que o homem é imagem de Deus, porque senhor do universo visível, embora de maneira análoga e atributiva, enquanto Deus o é de direito próprio e por essência.

(2) El. Westermann, Genesis (Biblicher Kommentar: A.T.I. 3). Neukirchen 1968, 208-209, 214-218.

## 2. A formação do primeiro casal humano: 2, 4b-25 (J)

Entramos agora na tradição javística. Os capítulos 2.º, 3.º e 4.º, de fato, formam uma unidade: o homem que peca e desobedece a Deus, para o que o c. 2.º serve de introdução, ao menos no estado atual do texto que representa a versão do javista.

O c. 2.º, do versículo 4b em diante, conta a formação do primeiro homem, ou melhor, do primeiro casal humano, uma vez que devemos ver o conjunto do capítulo. No começo se conta a formação do primeiro homem a partir duma massa de barro que recebe o sopro vital de Deus; mas depois Deus vê que não é bom que o homem esteja só e por etapas lhe forma uma auxiliar à sua altura. Logo, é claro que o nosso capítulo fala da formação do primeiro casal humano, ou, como diz o comentarista Westermann, a criação do homem em comunidade. Quer dizer, o homem completo é o homem em comunidade. Como estão vendo, esta idéia tão moderna aparece num documento de mil anos a. C. e isto com toda a naturalidade e sem alarde.

Haveria muita coisa a dizer sobre este relato. Apenas uma observação a respeito da **costela de Adão**, da qual foi formada Eva. É um destes problemas que ainda não tem solução satisfatória, porque nos relatos extrabíblicos não temos nada de perfeitamente semelhante; uma ou outra alusão que encontramos neste sentido, é muito remota e vaga. Eu diria que pela análise do texto se quer simplesmente dizer que esta mulher que

surge, construída desta costela, é a companheira à altura do homem, equiparada a ele. Já não é tirada do barro, como o próprio homem, ou como o foram os animais, que não podem ser auxiliares à altura do homem, mas é formada de algo próprio, vivo e vital do homem, quase diria, duma coisa tirada perto do coração dele; daí resulta que ele pode reconhecê-la como osso de seus ossos e carne de sua carne. Portanto é uma companheira à sua altura, digna dele.

Sobre esta explicação naturalmente se pode discutir, mas eu acho que devemos fazer o possível, para analisar o texto como ele está, e a linguagem que os homens daqueles tempos usavam, para transmitir esta grande idéia da **igualdade do homem e da mulher**. Por sinal é outro tema moderno e se encontra igualmente na segunda página da S. Escritura, quando já na primeira se tinha afirmado solenemente que homem e mulher são imagens de Deus. Na prática Israel não realizou sempre este ideal, mas a idéia, a orientação estava aí.

Finalmente no capítulo 2.º temos o **preâmbulo para o 3.º**. Deus coloca o homem no seu próprio pomar, é portanto um favor ou graça que lhe faz, é uma distinção gratuita. Dá-lhe um **mandamento**: deve cultivar e guardar este pomar, pode comer os frutos de todas as árvores, exceto os de uma. No fim do capítulo se constata que o homem e sua mulher estavam nus e não sentiam vergonha um diante do outro: como se vê, isto é a conca-tenação dos dois relatos, originariamente independentes, da formação

do primeiro casal humano e do seu pecado que vem narrado logo em seguida.

### 3. **A tentação e a queda do homem: c. 3 (J)**

O c. 3.º do Gên é um dos relatos fundamentais do A. T. Mostra uma psicologia muito profunda na apresentação da tentação e nas funestas conseqüências da desobediência. Apenas diz o essencial, apenas insinua muita coisa, nunca fala expressamente em pecado; mas com poucas e vigorosas pinceladas se descreve a tentação e o pecado e como ele parte da soberba e da ambição do homem.

Aqui certamente temos uma resposta a perguntas fundamentais do homem, de todo homem. Vejam, Israel há muitos séculos sabia que seu Deus Javé era um Deus todopoderoso, mas também um Deus bom e benévolo. E, contudo, os homens são maus e inclinados ao mal, são fracos, eles sofrem e no fim todos morrem. Será que estes males provêm de Deus? mas o nosso Deus é bom e quer-nos bem...! O capítulo 3.º nos dá a resposta, ele diz: **os males e a morte são conseqüências do pecado da humanidade primordial**. Isto é uma resposta teológica, um dos mais maduros frutos da reflexão se-celular teológica de Israel.

Certamente esta resposta nos traz problemas. Aqui não se fala de **pecado original** propriamente dito, que se transmite por geração e deve ser apagado pelo batismo. Mas com toda a evidência temos aqui o ponto de partida desta doutrina do pecado original; S. Paulo,

na Carta aos Romanos, vai levá-la mais adiante, referindo-se claramente ao nosso relato. Gên 3 e Rom 5 são os fundamentos e ponto de partida da doutrina da Igreja sobre o pecado original. Um autor judeu, quase contemporâneo de Paulo, fala igualmente e com pessimismo do pecado de Adão: Ó Adão, o que fizeste? Pois se tu pecaste, não constitui apenas tua queda, mas também de todos nós que de ti viemos" (4 Esdr 7, 48). Neste texto apócrifo como em S. Paulo aparece com bastante clareza a transmissão do pecado de Adão aos seus descendentes. Mas em Gên 3 não se fala de transmissão do pecado ou da culpa, mas supõe-se uma transmissão hereditária das penas do pecado, as dores de parto da mulher, o trabalho penoso do homem e no fim a morte. São penas que resultam do ambiente histórico em que surgiu o nosso relato, e podemos chamá-las de penas hereditárias, mas de pecado hereditário ainda não se fala, ele será fruto de elaboração teológica posterior.

Uma pergunta que se pode fazer a respeito deste c. 3.<sup>o</sup>, se refere ao **tentador**. Notem bem, eu falo em tentador e não em demônio, porque esta identificação é muito posterior, pois ocorre apenas em Sab 2, 24, livro composto entre 150 e 50 a. C., quando a demonologia já se tinha desenvolvido bastante. Pode-se pois perguntar, por que o javista escolheu como tentador a **serpente**. A meu ver, isto se explica tanto pelo caráter, de fato estranho e mesmo horripilante, deste animal venenoso, ao qual o povo atribui poderes fascinantes, etc., como sobretudo por causa do **culto da serpente**, praticado em

larga escala no tempo do javista. Na antiguidade a serpente era associada a certos deuses e deusas de vegetação e fecundidade e tida como um gênio benfazejo que curava, isto no Egito, na Mesopotâmia e na Grécia, mas sobretudo na Palestina, onde as escavações arqueológicas trouxeram à luz uma porção de serpentes de bronze; ainda recentemente li uma notícia, referindo à descoberta de mais uma de bronze bem conservada, achada em Gezer, onde anteriormente já se tinha encontrado outra (3). Ora, o que o nosso autor quer dizer é o seguinte: O que vós israelitas e tantos outros povos venerais como deus e gênio benfazejo, de fato é o vosso maior inimigo, que lançou na desgraça os primeiros homens. A advertência seria tanto mais impressionante, se já no tempo de javista se venerava em Jerusalém a serpente de bronze que alguns séculos mais tarde o piedoso rei Ezequias mandaria fazer em pedaços (2 Rs 18, 4, cf. Núm 21, 6-9).

Entre os problemas de Gên 3 não posso deixar de mencionar o assim chamado **Protoevangelho** (3, 15): "Ponho inimizade entre ti (serpente) e a mulher. . ." Hoje em dia se discute bastante, se se deve conservar o nome de "Protoevangelho", isto é, a primeira mensagem de salvação depois do pecado, especialmente no sentido messiânico. Há bastantes autores, geralmente não católicos, sérios e nada radicais, e também um ou outro católico, como recentemente Loretz, que rejeitam o nome Protoevangelho. O que se estabelece ali,

-----  
(3) Revue Biblique 79, 1972, 414-415.

dizem eles, é uma luta sem tréguas, uma luta desesperada.

Reconheço que é uma maneira plausível de compreender o texto. Contudo, a meu ver, olhando o texto e os termos empregados e sobretudo o contexto, pode-se vislumbrar um êxito final feliz desta luta dura e implacável para a humanidade: apesar de todas as misérias que o texto e o contexto encerram para a humanidade decaída, apesar da luta incessante que a humanidade deve travar com as forças do mal, entrevê-se a vitória da humanidade sobre o mal e o tentador e portanto se pode falar em Protoevangelho. É verdade, o termo crucial "shûf", que aqui ocorre duas vezes e só ainda duas outras vezes, ainda não está seguramente interpretado. Mas o contexto favorece uma interpretação salutar: é que Deus não amaldiçoa os homens como o faz com o tentador (v. 14), apenas amaldiçoa o soló que o homem deve cultivar. Em outras palavras, o homem conserva certa vantagem sobre o inimigo. Além disso Deus não castiga com a morte o homem pecador, como tinha ameaçado (2, 17; 3,3), antes o veste com solicitude (3, 21), dando assim a entender que não quer arruinar de vez o homem que tinha formado com tanta solicitude.

Admito que estes argumentos não são peremptórios, mas considero-os bastante sérios, para se vislumbrar a vitória definitiva do gênero humano sobre as forças do mal. Naturalmente é outra questão saber, se neste Protoevangelho podemos descobrir o Messias como autor da vitória e associada a ele a sua mãe. Parece-me difícil man-

ter a interpretação messiânica direta e mais difícil ainda a interpretação mariológica direta; muito mais recuados ainda ficam a Imaculada Conceição e a Assunção de Maria. Creio que todas estas interpretações só aparecem indistintamente no texto, devendo-se para tanto admitir o assim chamado "sentido pleno" da S. Escritura, sentido este pelo menos discutível. Mas não me entendam mal: em vista da interpretação salutar do Protoevangelho continuo a admitir que ele é o último fundamento daqueles dogmas marianos.

Para concluir o c. 3.º ainda uma observação sobre a **espécie moral** do primeiro pecado. Até hoje não me convenceram os argumentos a favor da magia ou idolatria e muito menos a favor dum pecado sexual como sendo o primeiro pecado; todos estes pecados, freqüentes também em Israel, podem ter entrado na reflexão do javista, quando compunha o nosso relato, mas ele não se preocupou de ressaltar um deles, como sendo o pecado das origens. Quanto ao pecado de sexo, a própria multiplicidade das opiniões (onânismo conjugal, recusa de relações sexuais, relações sexuais prematuras, relações de Eva com a serpente...) mostra a sua fraqueza; além disso, a Bíblia e também o javista (4, 1.17.25) falam bastante claramente do sexo: por que não fez o mesmo no nosso capítulo? Portanto, a meu ver, só nos resta afirmar, com base no próprio texto: o primeiro pecado foi desobediência a Deus como fruto da soberba, afinal o que há também em todos os nossos pecados.

#### 4. **Caim e Abel: origens da cultura: Gên 4(J)**

O javista fez destes dois representantes da agricultura e do pastoreio filhos do primeiro casal humano. Se estas profissões representam, segundo os peritos da civilização, estágios em muito posteriores aos inícios da humanidade, lembremo-nos de que não devemos procurar nesta narrativa ciência de civilização, mas sim mensagem religiosa. O javista nos quer mostrar como o pecado cresce na humanidade (é ao menos o sentido óbvio no contexto): homem luta contra homem e até irmão contra irmão.

Na segunda parte do capítulo se fala de algumas **conquistas da humanidade** no terreno da técnica e criação de animais. É interessante notar que, em contraste com relatos similares da Mesopotâmia e Grécia, estas invenções (cidade, metalurgia, instrumentos de música) são atribuídos simplesmente a homens, elas não constituem um privilégio dos deuses que depois as passam aos homens, e muito menos representam uma usurpação da parte dos homens, como é considerado o roubo do fogo por Prometeu, que por isso é castigado cruelmente. Mais um caso de demitização, fruto da fé de Israel.

#### 5. **Os patriarcas antediluvianos: Gên 5 (P)**

Quase todo este capítulo, de tradição sacerdotal, se compõe de genealogias constituídas segundo um esquema fixo. O que surpreende são as **idades extraordinárias destes homens**: centenas de anos de vida: Adão morre com 930 anos, Yéred ou Jared com 962, Matu-

salém mesmo com 969, e até Henoque com 365 anos representa uma longevidade extraordinária. Como explicar estas idades inverossímeis? Não procuremos a solução, reduzindo os anos a meses, o que não tem nenhum apoio no texto e no caso de Henoque leva a outro contra-senso. A explicação mais provável é que estamos na história primordial, que em muitos pontos é diferente da história propriamente dita; os homens são muito mais fortes que os atuais e apresentam uma longevidade nunca mais alcançada depois. Idéias parecidas nós as encontramos também na Mesopotâmia, Pérsia, Índia, Egito, etc. Portanto não procuremos nestes números informações históricas exatas e por conseguinte não baseemos neles a cronologia ou uma **aera mundi**.

#### 6. **O dilúvio: Gên 6-9 (J e P)**

O ponto alto e o centro da história dos primórdios é representado pelo relato amplo do dilúvio que ocupa quase 4 capítulos. Certamente é um dos episódios que mais tem impressionado os leitores. Haveria aqui a dizer muita coisa que daria matéria para uma ou mais palestras à parte. Direi pois alguma coisa sobre os "filhos de Deus" no princípio do relato, sobre as tradições J e P, universalidade geográfica e antropológica do dilúvio, mensagem religiosa e tipismo e origem.

##### 1) **"Os filhos de Deus e as filhas dos homens" 6, 1-4**

Quem são os que contraem estes casamentos "mistos"? Atualmente a maioria dos autores pensa que

"os filhos de Deus" são entes celestes que formam a corte celeste de Deus, como os vemos em Jó 1-2 e alhures, logo, seriam os que hoje chamamos **anjos**, e esta também é a opinião de não poucos santos Padres até Ambrósio. As "filhas dos homens" são simplesmente mulheres desta terra.

Esta explicação se coaduna bem com o contexto atual bíblico, mas parece que com Westermann e outros devemos recuar mais um passo e ver nestes "filhos de Deus" **entes divinos, deuses** que teriam tido relações sexuais com mulheres aqui na terra. Assim estamos em pleno mito e só se compreende a conservação ou inserção deste "bloco errático" no princípio do relato do dilúvio, porque servia muito bem para ilustrar a inconcebível corrupção dos homens e a necessidade de Deus intervir com um castigo exemplar.

## 2) As tradições: J e P.

Como já foi indicado na 1.<sup>a</sup> parte, no longo relato do dilúvio, as tradições javística e sacerdotal foram combinadas e entrelaçadas uma com a outra, de modo que temos dois relatos quase completos deste cataclisma, com as características e enfoques próprios de uma e outra. Eu disse: dois relatos **quase** completos, porque em J falta a ordem de Deus a Noé de construir a arca e a saída da arca, que só encontramos em P. Por via de regra os autores distribuem da seguinte maneira as duas tradições ou documentos:

J: 6, 5-8 / 7, 1-5. 7-10. 12. 16b. 17b. 22-23 / 8, 2b-3a. 6-12. 13b. 20-22.

P: 6, 9-22 / 7, 6. 11. 13-16a. 17a. 18-21. 24 / 8, 1-2a. 3b-5. 13a. 14. 15-17. 18-19 / 9, 1-17.

Tal modo de manipular as fontes nos poderá parecer estranho, mas no ambiente semítico temos outros exemplos, tanto na antiguidade como em séculos mais recentes.

## 3) A universalidade geográfica e antropológica do dilúvio

Lendo o relato do dilúvio, a impressão óbvia e espontânea que se tem é que o dilúvio submergiu toda a terra e matou a todos os homens e animais não aquáticos, exceto a família de Noé e os animais que com ela estavam na arca. E claramente é este de fato o verdadeiro sentido. Pois não só se diz que as águas cobriram toda a terra, ultrapassando mesmo 15 côvados os montes mais altos (7, 19-20) e aniquilando todos os seres em que havia "espírito vital" (7, 21), mas também Noé é o pai da nova humanidade, como que um segundo Adão, que recebe nova bênção de fecundidade (9, 1; cf. c. 10); isto supõe que todos os homens fora da arca pereceram pelas águas do dilúvio.

É claro, para nós custa admitir isto: donde tirar a água suficiente, para submergir toda a terra? como colocar na arca, por mais espaçosa que tenha sido, todos os milhares de animais, como arranjar pasto ou alimento suficiente, etc.? De fato parece impossível. O que dizer?

O autor ou autores-redatores bíblicos não tinham estes problemas e por isso receberam e acolheram estas extensões universais do dilúvio que lhes eram transmitidas,

com toda a probabilidade, da Mesopotâmia. Por conseguinte, no relato bíblico ficou este traço legendário da universalidade tanto geográfica como antropológica do dilúvio, e isto tanto mais que acentuava impressionantemente a intervenção punitiva de Deus pelos pecados da humanidade corrompida. Nem pensemos que, reduzindo a terra aos países então conhecidos e que já eram muitos, resolveremos este problema. Para o autor ou autores bíblicos o dilúvio era universal.

#### 4) A mensagem religiosa e o tipismo do dilúvio

Em toda esta longa narração aparece em luz meridiana a inexorável **justiça de Deus** e o supremo ódio do pecado que o levam a exterminar, por um dilúvio universal, todos os homens prevaricadores; não é leviana ou arbitrariamente que Ele manda o dilúvio, é por justa indignação pela corrupção dos homens.

Por outro lado a **misericórdia e bondade de Deus** não são ofuscadas, pois salva ao justo Noé na arca, e depois do dilúvio, à vista da inata inclinação do homem ao pecado, Ele promete que já não exterminará toda a humanidade por um dilúvio ou calamidade semelhante (8, 21-22). Esta promessa de estabilidade cósmica para o leitor israelita talvez seria a mensagem mais importante e grata, mensagem que em vista da alarmante poluição ambiental está em vias de recuperar sua atualidade...

Na aliança com Noé é digno de nota o aspecto universalista. Fi-

nalmente existe um certo paralelismo entre o dilúvio e a parusia (cf. Mt 24, 37-39).

A arca é **tipo** ou figura da **Igreja**: assim como nos primórdios Deus salvou na arca a Noé, do mesmo modo salva agora os homens, na Igreja, pela fé (Hebr 11, 7) e os batizados pela água. (1 Pdr 3, 20-21). Logo já S. Pedro viu nas águas do dilúvio um tipo da água batismal.

#### 5) A origem do relato ou dos relatos do dilúvio

Como a Palestina não é país de inundações, o nosso relato não se poderia originar lá. Narrações sobre dilúvios ou outras calamidades análogas se conhecem em muitas partes do mundo, também entre os índios do Brasil; mas os relatos que se nos oferecem para confronto e origem do relato bíblico, são os 8 provenientes da Mesopotâmia e especialmente o que se encontra na tabuinha 11 do **poema Guilgamesh**. Este poema deve ter-se originado pelo ano 2000 a. C. e portanto já antes de Abraão. O herói do dilúvio aqui se chama Utnapishtim, e a narração apresenta muitos pontos de contato e semelhanças com o relato bíblico, de modo que deve existir entre um e outro certa relação de dependência, embora dificilmente direta. Já Abraão, natural de Ur, no sul da Babilônia, ou de Harran no norte, pode ter levado esse relato para Canã. Mas no decurso de séculos de reflexão teológica os israelitas transformaram profundamente a narração babilônica, purificando-a do politeísmo exuberante e dando-lhe uma feição profundamente moral de castigo

exemplar pela corrupção da humanidade, aspecto este que mal se percebe na narração mesopotâmica. Como já disse na primeira parte, é nesta reelaboração e transformação do relato do dilúvio que se mostra um dos frutos mais maduros da secular reflexão teológica de Israel. De fato o levedo da fé javística passa e purifica todo esse relato. Notemos ainda que já o dilúvio babilônico ou sumérico era universal, exterminando todos os homens e animais que não estavam no navio de Utnapishtim; o autor bíblico não viu problema em conservar este traço universal que nos custa admitir.

O próprio relato babilônico provavelmente remonta, sob o ponto de vista histórico, a uma ou várias inundações de proporções catastróficas na Mesopotâmia, as quais, com o correr dos tempos, foram ampliadas a cataclismas universais que teriam atingido toda a terra e eliminado todos os homens e animais não aquáticos. Ou será que se deve pensar nas tremendas inundações que devem ter acompanhado os recessos sucessivos das geladeiras nas fases finais do período pleistoceno, há cerca de 10-12.000 anos ou mais (4) ou devemos pensar na inundação violenta da bacia ocidental do Golfo Pérsico em consequência da ruptura da barreira entre as duas bacias pelas águas da bacia oriental, lá pelo ano 9.500 a. C., afogando quase todos os homens e animais domésticos nesta região fértil e densamente habitada? (5).

(4) W. F. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan*. London 1968, 86.

(5) W. L. Olson, *Has Science Dated the Biblical Flood?* *Zygon* 2, 1967, 272-278. 276-77.

## 7. A lista dos povos: Gên 10 (J e P)

Nestes cerca de 70 povos e cidades ou mais exatamente "filhos" e descendentes dos filhos de Noé temos o fruto da bênção dada por Deus a Noé e seus filhos (9, 1). Toda a humanidade (70 povos!) pós-diluviana descende de Noé. É uma lista muito interessante e nas partes tocantes à tradição sacerdotal (e são as mais amplas) espelha os conhecimentos geográficos e políticos do século 7.º; é digno de nota que Israel mesmo não figura nesta lista! está contido em Arpaxad (10, 22.24; 11, 10-13) e Heber (10, 21.24; 11, 14-17). A grande mensagem, bem atual, que esta lista árida de nomes contém, é que **todos somos irmãos**, descendentes que somos do mesmo Noé e dos seus três filhos, apesar das diferenças de raças, línguas e países (cf. 10, 5.20. 31-32).

## 8. A cidade e a torre de Babel: Gên 11, 1-9 (J)

Este episódio de apenas 9 versículos, de tradição javística, apresenta vários problemas sérios quanto ao sentido geral e à confusão das línguas. O trecho se distingue pelo pronunciado colorido mesopotâmico: tijolos ou adobes por pedras, betume ou asfalto por argamassa, torre.

### 1) Sentido geral e alcance do relato na história primordial

No tocante ao **significado geral**, parece-me crucial a identificação da torre com uma **ziqqurat** ou torre de templo e portanto com um edifício sacro ou religioso. Estas ziq-

zurats são características da região mesopotâmica e especialmente da Babilônia, tendo-se, até agora, encontrado umas 35 em 28 cidades. A ziqurat tinha a forma duma pirâmide truncada ou duma torre com diversos andares sobrepostos e sucessivamente menores. No andar mais alto existia o templo da recepção do deus a quem a torre era consagrada, e no andar térreo se achava o templo da habitação ou do culto do respectivo deus.

Uma das mais famosas ziqurats era a da cidade de Babel, chamada **Etemenanki** (= "Casa-do-fundamento-do-céu-e-da-terra"), situada no recinto sagrado da cidade, ao norte do templo do deus-patrono Marduk e chamado Esagil. O Etemenanki já existia pelo ano 2000 a. C. e foi restaurado ou reconstruído magnificamente pelos reis Nabupolassar (626-605) e Nabucodonosor (605-562); era um edifício de 7 andares em forma de cubos com uma base quadrada duns 92 metros e outros tantos de altura.

Posto isso, a empresa daqueles homens corajosos representava não apenas a constituição dum centro forte e estável político, econômico e comercial, mas também dum centro religioso ou de cultura, simbolizando a ziqurat ou torre, no entender dos construtores, uma mão levantada súplice ao céu. Mas o piedoso israelita via na torre um edifício idolátrico e portanto um punho levantado a desafiar arrogante a Deus e a provocar o seu castigo.

Visto dessa maneira, o nosso episódio se constitui no último e culminante dos sucessivos pecados dos homens contra seu Deus; se até

então os homens, embora desobedecendo e ofendendo a Deus, não o tinham renegado, agora eles apostavam dele, para se entregarem à idolatria ou culto dos falsos deuses, o que para o israelita fiel, formado à escola de Moisés e dos profetas, era o pior dos pecados. Por conseguinte, a humanidade ameaçava fugir ao controle de Deus, sendo preciso que Ele intervisse para salvá-la.

Por isso o javista, depois de nos apresentar brevemente a família de Abraão (11, 28-30), passa logo a contar o chamamento deste patriarca que com sua fé se tornaria novo ponto de união da humanidade desunida pela idolatria (12, 1ss).

## 2) A confusão das línguas

Resta o problema da **confusão das línguas**; segundo o texto ela se deve à intervenção punitiva de Deus e, no sentido óbvio, se processa rapidamente e quase instantaneamente, impedindo assim a compreensão entre os construtores da cidade e da torre e obrigando-os a se dispersarem para todos os lados. Ora nós achamos muito difícil uma tal confusão de idiomas em pouco tempo, quando sabemos que as línguas levam séculos para se diferenciarem sensível e radicalmente. Além disso no c. 10.º parece supor-se tal diferenciação gradual e lenta (10, 5.20. 31-32).

Parece-me que, para resolver este problema, devemos recorrer, uma vez mais, ao que dissemos na introdução geral e estes 11 capítulos: não devemos procurar aqui ciência ou dados científicos sobre a

diferenciação das línguas, mas mensagem religiosa; em outras palavras: deparamo-nos também aqui com os frutos da **reflexão teológica de Israel**.

As milhares de línguas no mundo (6) são, é verdade, um reflexo maravilhoso da imensa riqueza de Deus em se manifestar nos homens, mas a sua multiplicidade constitui igualmente um obstáculo sério na comunicação fácil entre os homens. Ora nestes pontos o teólogo ou sábio israelita bem poderia considerar este lado negativo da multiplicidade das línguas como um castigo de Deus por um pecado dos homens nos primórdios. O israelita, de visita à cidade de Babilônia, se encontraria com um número grande de pessoas das mais variadas procedências, comerciantes e outros, falando os mais diversos idiomas e custando entender-se entre si; ele veria também as procissões solenes com as estátuas dos deuses dos 53 templos da metrópole, veria sobretudo o colossal Etemenanki a dominar a cidade e arredores, o qual para ele representaria o cúmulo da idolatria e da apostasia do seu Deus, um punho levantado contra Deus, e concluiria que toda essa confusão ou "Babel" de línguas era castigo de Deus pela idolatria e orgulho desta cidade. Logo compreendemos que isto é reflexão, se quisermos especulação teológica e portanto alheia a uma pesquisa científica de filologia comparada. A tradição sacerdotal

em 10, 5.20. 31-32 parece refletir mais exatamente o processo normal e lento da diferenciação das línguas e raças humanas.

### **Conclusão**

É tempo de pôr fim a esta longa exposição que procurou abrir um acesso seguro a estes 11 capítulos e apresentou soluções aos seus principais problemas particulares. Nem tudo o que vimos é definitivo, mas assim mesmo teremos ficado conscientes da rica mensagem religiosa, em parte simplesmente fundamental, que estes capítulos, em linguagem de outros tempos e de outra cultura, nos fornecem à maneira dum fruto de casca dura, ou melhor, dum fruto exótico, mas de excelente conteúdo.

### **Bibliografia**

Cl. Westermann, Genesis (Biblischer Kommentar II). Neukirchen, 1966ss. Em 1973 saiu o 8.º fascículo, chegando com 640 pp. quase até o fim do dilúvio!

Cl. Westermann, Genesis 1-11 (Erträge der Forschung 7). Darmstadt 1972.

P. Grelot, Homme, qui es-tu? Les onze premiers chapitres de la Genèse (Cah. Évangile 4) 1973.

-----  
(6) H. Sacher, Staatslexikon, Bd. 4, 1931 5, 1798, s. v. Sprache, fala em 3000 línguas atualmente faladas no mundo.